TRÊS VISÕES SOBRE O MOVIMENTO NEGRO EDUCADOR: DISCURSOS, PRÁTICAS E SABERES EM CIRCULAÇÃO NA AMÉRICA LATINA[1]

Jonas Henrique de Oliveira[2]
Universidade Estadual do Piauí, Curso de Licenciatura em Ciências Sociais, Parnaíba, Piauí, Brasil.

Maria Amália Silva Alves de Oliveira[3]
Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Instituto de Biociências, Departamento de Ciências do Ambiente, Programa de Pós-Graduação em Memória Social e Programa de Pós-Graduação em Ecoturismo e Conservação, Rio de Janeiro, RJ, Brasil.

Rodrigo Rosistolato[4]
Universidade Federal do Rio de Janeiro, Faculdade de Educação- Departamento de Fundamentos da Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação, Rio de Janeiro, RJ, Brasil.

Resumo: A entrevista apresenta três visões sobre as possibilidades pedagógicas e investigativas trazidas pelo debate sobre o Movimento Negro

[1] Agradecemos à Fundação Carlos Chagas Filho de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro (FAPERJ) - Processo nº E-26/204.278/2024; e ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) - Processo nº 307174/2022-0, pelos recursos que possibilitaram as investigações que sustentam este debate.

[2] Doutor em Ciências Humanas (Antropologia), mestre em Sociologia e Antropologia e Bacharel em Ciências Sociais pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. Professor do Curso de Licenciatura em Ciências Sociais na Universidade Estadual do Piauí. Membro Efetivo da Associação Brasileira de Antropologia (ABA). Integra a equipe do Programa Institutos Nacionais de Ciência e Tecnologia (INCT) - Educação transformadora: antirracismo, interseccionalidade e justiça social na América Latina. E-mail: jonashenrique@phb.uespi.br. ORCID: https://orcid.org/0000-0001-8992-3773.

[3] Doutora e Mestre em Antropologia. Graduada em Turismo e Ciências Sociais. Coordena desde 2024 o Programa de Pós-Graduação em Ecoturismo e Conservação (PPGEC/UNIRIO). Membro efetivo da ABA (Associação Brasileira de Antropologia) e da APA (Associação Portuguesa de Antropologia). E-mail: maria.oliveira@unirio.br. ORCID: https://orcid.org/0000-0002-5702-5511.

[4] Antropólogo especializado em temas educacionais. Doutor em Ciências Humanas (antropologia), bolsista em produtividade de pesquisa pelo CNPq. Integra a equipe do LaPOpE. Em 2025 passou a compor a equipe de ordenação do Programa Institutos Nacionais de Ciência e Tecnologia (INCT) - Educação transformadora: antirracismo, interseccionalidade e justiça social na América Latina. E-mail: rodrigo.rosistolato@gmail.com. ORCID: https://orcid.org/0000-0002-4025-0632.

Educador. Ela faz parte do projeto: “Movimento Negro Educador: Discursos, Práticas e Saberes em Circulação na América Latina”, que tem por objetivo geral: ampliar os debates sublinhados pela perspectiva inovadora de Nilma Lino Gomes sobre o movimento negro como um movimento educador. Os entrevistados partem de questões orientadoras, relacionadas aos seus campos de pesquisa e às suas atuações como formadores de professores e de profissionais dos campos da pedagogia, turismo e ciências sociais. No decorrer da entrevista, revelam-se perspectivas convergentes sobre duas das ramificações das discussões sobre o movimento negro educador: seu potencial heurístico e formativo. Os entrevistados abrem os bastidores das suas pesquisas, salientando as possibilidades trazidas pelas chaves interpretativas presentes na obra de Nilma Lino Gomes e indicam a amplitude das discussões para a formação de novos profissionais e pesquisadores.

Palavras-Chave: Movimento Negro Educador; Relações Interétnicas; Desigualdades Sociais; Educação.

THREE VIEWS ON THE BLACK EDUCATOR MOVEMENT: DISCOURSES, PRACTICES AND KNOWLEDGE IN CIRCULATION IN LATIN AMERICA

Abstract: The interview presents three perspectives on the pedagogical and investigative possibilities brought about by the debate on the Black Educator Movement. It is part of the project "Black Educator Movement: Discourses, Practices, and Knowledge in Circulation in Latin America" whose overall objective is to expand the debates brought about by Nilma Lino Gomes' innovative perspective on the Black movement as an educational movement. The interviewees begin with guiding questions related to their fields of research and their work as educators of teachers and professionals in the fields of pedagogy, tourism, and social sciences. During the discussions, converging perspectives emerge on two of the branches of the debate on the Black Educator Movement: its heuristic and formative potential. The interviewees reveal the background to their research, highlighting the possibilities brought about by the interpretative keys present in Nilma Lino Gomes' work and indicating the breadth of the discussions for the training of new professionals and researchers.

Keywords: Black Educator Movement; Interethnic Relations; Social Inequalities; Education.

TRES VISIONES SOBRE EL MOVIMIENTO NEGRO EDUCADOR: DISCURSOS, PRÁCTICAS Y SABIDURÍAS EN CIRCULACIÓN EN AMÉRICA LATINA

Resumen: La entrevista presenta tres visiones sobre las posibilidades pedagógicas y de investigación que plantea el debate sobre el Movimiento Negro Educador. Forma parte del proyecto: «Movimiento Negro Educador: Discursos, Prácticas y Conocimientos en Circulación en América Latina», cuyo objetivo general es ampliar los debates subrayados por la perspectiva innovadora de Nilma Lino Gomes sobre el movimiento negro como movimiento educador. Los entrevistados parten de cuestiones orientativas, relacionadas con sus campos de investigación y sus actuaciones como formadores de profesores y profesionales de los campos de la pedagogía, el turismo y las ciencias sociales. A lo largo de la entrevista, se revelan perspectivas convergentes sobre dos de los aspectos de los debates sobre el movimiento negro educador: su potencial heurístico y formativo. Los entrevistados desvelan los entresijos de sus investigaciones, destacando las posibilidades que ofrecen las claves interpretativas presentes en la obra de Nilma Lino Gomes e indicando la amplitud de los debates para la formación de nuevos profesionales e investigadores.

Palabras-clave: Movimiento Negro Educador; Relaciones Interétnicas; Desigualdades Sociales; Educación.

TROIS VISIONS DU MOUVEMENT NOIR ÉDUCATEUR: DISCOURS, PRATIQUES ET SAVOIRS EN CIRCULATION EN AMÉRIQUE LATINE

Résumé: L'entretien présente trois visions sur les possibilités pédagogiques et d'investigation apportées par le débat sur le Mouvement Noir Éducateur (Movimento Negro Educador)[5]. Il fait partie du projet «Mouvement Noir Éducateur: discours, pratiques et savoirs en circulation en Amérique Latine», dont l'objectif général est d'élargir les débats suscités par la perspective novatrice de Nilma Lino Gomes sur le mouvement noir en tant que mouvement éducateur. Les personnes interviewées partent de questions directrices, relatives à leurs domaines de recherche et à leurs rôles en tant que formateurs d'enseignants et de professionnels dans les domaines de la pédagogie, du tourisme et des sciences sociales. Tout au long des débats, des perspectives

[5] *Movimento Negro Educador* : selon l'éducatrice et chercheuse Nilma Lino Gomes, cette expression du portugais brésilien (traduite ici par *« Mouvement Noir Éducateur »*) se réfère à « toutes les formes d'organisation politique, éducative, culturelle et artistique construites par des activistes noirs au Brésil, particulièrement à partir du XXe siècle, dont l'objectif explicite est la lutte contre le racisme. Ce concept souligne la nature transformatrice de ce mouvement social ainsi que son potentiel éducatif et rééducatif dans la société brésilienne » (GOMES, entretien, 27 novembre 2025).

convergentes se révèlent sur deux des ramifications des discussions concernant le mouvement noir éducateur: son potentiel heuristique et formatif. Les interviewés ouvrent les coulisses de leurs recherches, soulignant les possibilités offertes par les clés interprétatives présentes dans l'œuvre de Nilma Lino Gomes et indiquent l'ampleur des discussions pour la formation de nouveaux professionnels et chercheurs.

Mots-clés: Mouvement Noir Éducateur; Relations Interethniques; Inégalités Sociales; Education.

INTRODUÇÃO

O artigo apresenta as visões de três pesquisadores das áreas de ciências sociais, educação e turismo sobre as possibilidades e os desafios trazidos – no campo analítico e formativo – pelas discussões apresentadas por Nilma Lino Gomes em seu livro sobre o Movimento Negro Educador (2017). Trata-se de uma iniciativa do projeto “Movimento Negro Educador: Discursos, Práticas e Saberes em Circulação na América Latina”, hoje conectado às discussões do INCT - Educação transformadora: antirracismo, interseccionalidade e justiça social na América Latina, que tem a coordenação geral de Nilma Lino Gomes.

Os pesquisadores relatam as suas trajetórias de investigação e no campo da formação, salientando as múltiplas facetas do racismo na sociedade brasileira e indicando caminhos – já percorridos e a percorrer – para a construção de novas mentalidades que tenham o antirracismo como foco. Trata-se de um projeto intelectual repleto de nuances, que demanda uma permanente construção objetiva e subjetiva no âmbito de uma sociedade reconhecidamente desigual como a brasileira.

As instituições – como a escola e a Universidade – têm papel central nesta jornada. Em termos objetivos, elas precisam ser problematizadas, relativizadas e reconstruídas de forma a integrarem progressivamente todas as existências que compõem a diversidade da cultura brasileira. Para isso,

precisam combater planos simbólicos arraigados que naturalizaram hierarquias socialmente construídas e estabeleceram distâncias entre as pessoas, as teorias e as formas plurais de construção da reflexão e do pensamento acadêmicos.

O antirracismo apresenta-se, na visão dos autores, como uma obra sempre inacabada posto que é também atravessado pelo tempo. As desigualdades metamorfoseiam-se, ganham novos sentidos; estabelecem disputas por vezes atravessadas por discursos que as minimizam e/ou negam. Neste sentido, a linguagem, enquanto elemento central da cultura, coloca-se como desafio permanente para pesquisadores e formadores. As disputas neste campo revelam-se como centrais na construção de novas mentalidades. Daí o caráter subjetivo – ou intersubjetivo – dos enfrentamentos necessários para a construção do antirracismo enquanto lógica de vida e construção do pensamento no âmbito das instituições.

ENTREVISTA

RODRIGO ROSISTOLATO (RR): Esta é uma atividade do Projeto *Movimento Negro Educador: Discursos, Práticas e Saberes em Circulação na América Latina*. Ele conta com financiamento do CNPq. A entrevista foi realizada com três pesquisadores/as que têm em comum a formação em Antropologia e a dedicação ao debate antropológico sobre educação, turismo, violência, formação de educadores e profissionais das respectivas áreas. A entrevista tem início com uma apresentação, seguida das respostas da seguinte pergunta orientadora: Como você conecta o movimento negro educador, na perspectiva trazida por Nilma Lino Gomes, ao seu campo de

pesquisa? Na sequência, os/as entrevistados/as respondem às outras questões, cada uma delas organizada em uma seção específica.

MARIA AMÁLIA SILVA ALVES DE OLIVEIRA (MASAO): Sou Maria Amália Silva Alves de Oliveira, professora na Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO), onde estou vinculada ao Departamento de Ciências do Ambiente, pertencente ao Instituto de Biociências (IBIO). Integro dois programas de pós-graduação: o Programa de Pós-Graduação em Ecoturismo e Conservação e o Programa de Pós-Graduação em Memória Social.

A minha formação inicial é em Turismo, área na qual obtive minha primeira graduação. Posteriormente, me graduei em Ciências Sociais e realizei mestrado e doutorado em Antropologia. Tenho me dedicado à pesquisa, estabelecendo conexões entre os temas memória, patrimônio e turismo, campos nos quais venho desenvolvendo minhas pesquisas. Esperamos que essa atividade seja interessante para todos.

RR: Eu gostaria de iniciar me apresentando: meu nome é Rodrigo Rosistolato, sou antropólogo de formação e construí toda a minha carreira acadêmica no âmbito da antropologia. Fiz graduação em Ciências Sociais, mestrado em Sociologia, com ênfase em Antropologia, e doutorado em Ciências Sociais. Sou professor da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio de Janeiro, onde pertenço ao Departamento de Fundamentos da Educação e componho a equipe do Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade. Meu trabalho sempre esteve voltado para a Antropologia com temas conectados ao debate educacional e, por conta disso, optei por trabalhar na Faculdade de Educação.

JONAS HENRIQUE DE OLIVEIRA (JHO): Meu nome é Jonas Henrique de Oliveira, sou formado em Ciências Sociais, com mestrado em Sociologia, com ênfase em Antropologia e doutorado em Ciências Sociais. Atualmente sou professor na Universidade Estadual do Piauí e trabalho no curso de Licenciatura em Ciências Sociais, sobretudo com disciplinas ligadas à Antropologia.

RR: Como você conecta o movimento negro educador, na perspectiva trazida por Nilma Lino Gomes, ao seu campo de pesquisa?

MASAO: Estou inserida em três campos de estudo: turismo, memória e patrimônio. Mais recentemente, também passei a me dedicar aos debates socioambientais, em decorrência da própria questão ambiental.

Ao considerar o movimento negro educador nos campos mencionados, ressalto a importância das populações tradicionais nesse debate. Contudo, concentro-me aqui nas transformações que observei ao longo de mais de duas décadas de docência em cursos de graduação em Turismo e em programas de pós-graduação. Em particular, no Programa de Pós-Graduação em Memória Social e no Programa de Pós-Graduação em Ecoturismo, o crescimento do número de estudantes negros tem impulsionado a incorporação de temas de pesquisa que dialogam diretamente com o conceito e as reflexões desenvolvidas pela Professora Nilma Lino Gomes.

No livro *Movimento Negro Educador*, mais especificamente no capítulo intitulado “Tensão dialética e crise do pilar regulação-emancipação sociorracial no campo das relações raciais e educação” Nilma, a autora, utiliza como exemplo três momentos ou ações centrais: a abolição da escravatura em 1888, a estética negra e as questões relativas às ações afirmativas. É precisamente no âmbito das ações afirmativas que costumo apresentar a relação entre o movimento negro educador, e o meu campo de pesquisa. Ao observar os meus alunos da pós-graduação, não apenas dos programas anteriormente mencionados, vejo com clareza o quanto as ações afirmativas têm favorecido a reflexão sobre o conceito apresentado pela professora Nilma.

Por exemplo, os trabalhos atuais na área de turismo têm sido produzidos, em grande parte, por alunos que ingressaram ou se mantiveram na universidade por meio de políticas de ações afirmativas. No referido capítulo, a professora Nilma destaca como as pró-reitorias de assuntos estudantis precisaram implementar políticas específicas para garantir a permanência

desses alunos nas universidades. À medida que esses alunos ingressam na pós-graduação, vêm produzindo conhecimentos que até então não eram plenamente compreendidos.

Um exemplo disso ocorre quando esses estudantes trazem suas próprias experiências: muitos deles atuam ou atuaram no mercado de turismo, ocupando posições como a de recepcionista de hotel. Ao trazer essas vivências, possibilitam a problematização do lugar ocupado pelo corpo negro em um espaço historicamente embranquecido, uma vez que a atividade turística esteve, por muito tempo, restrita a um determinado público branco. Nesse sentido, ao trazer essas reflexões, há a produção de um conhecimento muito particular. Outro exemplo, ainda no contexto dos trabalhos produzidos pelos alunos, diz respeito à forma como determinados destinos turísticos têm sido repensados por esses estudantes.

No caso do Rio de Janeiro, destaca-se a experiência clássica do Cais do Valongo, onde muitas vezes o turista preto ou preta, se identifica com o espaço. Além disso, também podemos pensar no movimento que deu margem a vários desdobramentos, como a criação de plataformas voltadas ao acolhimento de turistas negros que relataram experiências de racismo ou outros desconfortos durante viagens. Nesse sentido, a produção de conhecimento desses alunos sobre tais questões evidencia que o conceito abordado pela professora Nilma expressa, de fato, uma constatação da revisão de valores decorrente do ingresso desses jovens na universidade.

RR: A pergunta é instigante: como conectar o movimento negro educador na perspectiva trazida pela Nilma Lino Gomes ao meu campo de pesquisa? O movimento negro educador, em acordo com o que a Nilma Lino Gomes propõe, tem como característica central educar e reeducar a sociedade, o Estado e os cidadãos/indivíduos.

Nesse sentido, observa-se uma conexão direta com a pesquisa educacional e com o debate propriamente dito sobre a educação, seja no

âmbito da educação escolarizada, entendida como atividade fim principal da escola, seja em uma perspectiva mais ampla, pensada próxima ao conceito de socialização.

Gostaria de dar ênfase a alguns pontos na minha fala sobre a relação do movimento negro educador com as minhas pesquisas. Sou um homem branco, pesquisador da área de educação desde 2001, ano em que iniciei o mestrado. Embora esse tenha sido em Sociologia com concentração em Antropologia, meus temas de pesquisa sempre estiveram conectados com a pesquisa educacional. Então, por isso, eu me percebo hoje muito mais como um pesquisador da grande área de educação, com uma abordagem antropológica, sociológica.

Ao longo de todos esses anos, e mesmo antes de iniciar a graduação, tive contato com várias vertentes do movimento negro, em especial aquelas conectadas com a militância pela educação popular no Rio de Janeiro, na Baixada Fluminense e em minha cidade natal, a cidade de Petrópolis, na região serrana do Rio de Janeiro.

Na época, o movimento negro, em suas diversas vertentes, encampou a luta pela formação de estudantes negros e pobres, o que incluía também estudantes brancos e pobres, para o acesso, nessa luta de formação, a um nível superior. Naquele período, o ensino superior era muito mais elitizado do que hoje, embora atualmente essa característica persista.

Houve um conjunto de articulações, dentro da diversidade presente no movimento negro, voltadas à promoção da educação popular para jovens negros e pobres, incluindo também jovens brancos ou jovens não-negros e pobres, de forma a contribuir para que esses estudantes tivessem a possibilidade de concorrer a vagas no ensino superior público, principalmente, e também privado, com algumas instituições que ofereciam bolsas para esses jovens, especificamente a PUC-Rio, onde esse movimento começou e depois foi ampliado para outras universidades.

Em certa medida, essas lutas materializadas em algumas vertentes do movimento negro, em especial o PVNC (Pré-vestibular para Negros e Carentes), e depois a Educafro, (Educação e Cidadania de Afrodescendentes e Carentes), dentre outras iniciativas, agregaram pessoas que acreditavam na educação e no seu potencial mobilizador e construtor de cidadania.

Em diálogo com a Nilma Lino Gomes, é possível afirmar que esses movimentos dialogavam diretamente com todos os saberes emancipatórios agregados por ela na categoria englobante movimento negro educador. A autora destaca saberes políticos, identitários, estéticos, corpóreos, interseccionais e aqueles relacionados à indignação.

Enquanto ramificação do movimento negro mais geral voltado para educação popular, essas iniciativas apostavam em todos esses saberes, entremeados por uma ação educacional, dialogando com toda discussão já acumulada no campo educacional sobre educação popular. Havia nas salas de aulas desses movimentos ações pedagógicas que articulavam saberes propedêuticos e uma formação ampliada, mais próxima do conceito de socialização.

Escrevi alguns artigos (ROSISTOLATO *et al*, 2011; ROSISTOLATO *et al*, 2013) sobre essa proposta discutindo, em especial, disciplinas como Cultura e Cidadania, disciplina típica do PVNC (Pré-vestibular para Negros e Carentes) que, em Petrópolis, em específico, foi rebatizada como Ciência, Cultura e Cidadania. Redigi artigos falando sobre a dinâmica dessa disciplina e demonstrando que em todos os espaços políticos do Pré-vestibular para Negros e Carentes, havia a busca pela construção junto aos alunos, de saberes emancipatórios. Hoje, colocando meus artigos em diálogo com a Nilma Lino Gomes, é possível dizer que ali, nos cursos de Pré-Vestibular populares, havia a construção de saberes políticos, identitários, estético-corpóreos, interseccionais e da indignação.

A busca por saberes emancipatórios estava presente na iniciativa e tinha muito a ver com a discussão que a Nilma faz sobre o movimento negro educador. Por exemplo, uma das práticas dos palestrantes da disciplina Ciência, Cultura e Cidadania era exatamente ressaltar e colocar em diálogo questões ligadas à estética corporal. Era uma ação conectada também com toda a discussão sobre a marginalização da beleza negra, hoje menos, naquele momento muito mais, nos meios de comunicação em geral, incluindo o campo das artes, como cinema, teatro e telenovelas.

Sou um pesquisador que opera com base na microssociologia, então, trarei um exemplo micro, mas que entendo que é significativo para a discussão que estamos travando. Certa vez, um dos palestrantes dessa disciplina fez uma pergunta e apontou para uma estudante e disse: “Você, negra bonita, responda por favor a essa questão.” E a estudante na época congelou. Ele refez a pergunta. “Pode, por favor, responder à pergunta?”. Criou-se um diálogo e a partir dali ela conseguiu responder à questão que estava sendo proposta. Posteriormente essa estudante, que era minha amiga, me afirmou: “Rodrigo, eu travei completamente ali.” Ao lhe perguntar sobre o motivo, ela me explicou: “Olha, eu travei porque eu nunca havia ouvido essas duas palavras associadas: negra e bonita. Quando o pesquisador me chamou de negra e de bonita, e pediu que eu respondesse, eu demorei para elaborar a junção dessas duas palavras, simplesmente porque isso nunca tinha acontecido comigo, em nenhum momento da minha vida.” Esse é um exemplo micro dos tensionamentos produzidos no âmbito dessa disciplina Ciência, Cultura e Cidadania, tensionamentos esses criados a partir de intencionalidades pedagógicas diversas.

Posteriormente, o pesquisador explicou, na própria palestra, o motivo de ter associado as duas palavras: ele já esperava que essa junção causasse um estranhamento, isso já havia ocorrido em vários outros núcleos de PVNC. A situação gerou um debate, e a estudante, impactada pela experiência, ficou

muito motivada a pensar sobre o acontecido e, principalmente, passou a estranhar o fato de ela própria nunca ter se pensado dessa maneira.

Para além disso, no próprio movimento havia discussões sobre autopercepção de jovens negros e situações de racismo vivenciadas por eles. No âmbito do pré-vestibular, os jovens passavam a perceber que haviam sido vítimas de racismo em vários campos: familiar, institucional, escolar, sendo que, até então, práticas racistas eram lidas de outra forma, por vezes no plano da jocosidade, entendidas como uma “brincadeira”.

Nas salas de aula do PVNC essas práticas eram ressignificadas e os estudantes passavam a perceber o quanto tinham sido vítimas de racismos diversos: institucionais, no plano das interações, sem que até então tivessem percebido.

Além disso, havia uma construção de valorização estética e de identidade negra no âmbito de uma cidade como Petrópolis, que, embora tivesse na época, a maior população negra da região serrana do Brasil, não havia nenhum debate abrangente sobre a negritude. Já havia uma discussão realizada pelo movimento negro, em conexão com as comunidades eclesiais de base, mas era algo que se dava muito mais no plano da arena pública. O que o PVNC faz é trazer esse diálogo de forma mais focalizada para o campo educacional. Houve resistências imensas em Petrópolis à presença do PVNC.

JHO: eu diria que a temática do movimento negro faz parte das minhas reflexões desde a juventude. Como jovem negro, morador de Petrópolis, fui alvo de diferentes formas de racismo. É impossível viver em uma sociedade ou em uma cidade predominantemente colonizada por alemães sem que a questão racial esteja constantemente presente. Durante minha juventude, enfrentei diversas discriminações e buscava compreender, de alguma forma, o meu lugar no mundo.

Entro no curso de Ciências Sociais na UFRJ, e começo a tentar entender a sociedade brasileira e os conceitos clássicos das Ciências

Sociais. Com o passar do tempo, passei a me direcionar para entender, em um primeiro momento, a juventude brasileira, orientado por uma professora que, à época, estudava a juventude e com quem analisei um projeto nas comunidades do Pavão Pavãozinho, no Cantagalo, no Rio de Janeiro. Nesse contexto me deparo com um projeto piloto chamado GPAE (Grupo de Policiamento para Áreas Especiais), onde as questões raciais estavam muito presentes. Em primeiro lugar por uma questão do local onde estávamos inseridos, mas também em decorrência da relação dos policiais com os jovens. A iniciativa tinha a intenção de acabar com as mortes na comunidade. Mais ou menos nessa época, fiquei muito interessado em entender o racismo no Brasil, pois já havia um conjunto grande de pesquisas voltadas à análise da questão racial, do racismo na sociedade brasileira e das dificuldades que os negros e negras passam no nosso país.

As práticas do movimento negro educador, de acordo com a discussão da professora Nilma, nos ajudam a entender um pouco essa grande denúncia que o movimento negro faz em relação às práticas racistas da polícia ou da sociedade mais ampla, e, de um modo geral, conseguimos entender melhor essa relação entre desigualdade e racismo.

A professora Nilma deixa claro que a influência do movimento negro educador vai no sentido de contar a história dos escravizados no Brasil a partir de outros paradigmas. Logo, um povo que não consegue entender bem a sua história é fadado a não se emancipar, dentro da discussão da professora.

Para mim, essa discussão do movimento negro educador é central porque eu consegui ao longo da minha trajetória, tanto como pesquisador quanto como educador, entender melhor as situações pelas quais negros passam no Brasil. Eu trouxe essa discussão para a Universidade Estadual do Piauí, fundamentalmente em uma disciplina chamada Cultura Negra e Indígena. Nela, busco sempre demonstrar aos alunos que, no Brasil, há uma espécie de crença de que o racismo seria menos intenso. No entanto, procuro demonstrar,

com base em dados e discussões propostas ao longo das aulas, que essa ideia é falaciosa. A professora Nilma também trabalha essa questão muito bem em suas discussões.

De um modo geral, penso que através da educação e da pesquisa, conseguimos de fato educar para emancipação e buscar uma sociedade mais justa e mais igual, sobretudo para jovens negros, que tem muita dificuldade de compreender a realidade social brasileira em decorrência da persistência do mito da democracia racial no Brasil. De maneira ampla, tendemos a pensar mais como brasileiros, muitas vezes deixando de nos atentar para as diferenças que nos constituem.

Dessa forma, o movimento negro educador, assim como a própria antropologia que busca compreender as diferenças entre as culturas e entre os grupos sociais, contribuiu para que eu pudesse compreender esse universo, bem como analisar de que maneira a polícia age, operando a partir de dinâmicas de permanência e mudança. Portanto, não é possível pensar a polícia como uma instituição que não está mudando essas práticas: talvez muitas dessas estejam se transformando exatamente em decorrência das diferentes provocações que os policiais recebem. Então, de modo geral, há práticas que permanecem e práticas que mudam.

Talvez, e eu queira acreditar que as discussões promovidas pelo movimento negro e a busca por maior igualdade entre os indivíduos também reverberem, de alguma forma, nas práticas policiais. É claro que ainda há um longo caminho a ser percorrido, mas sou otimista nesse sentido. Então, acredito que, ao menos no campo de pesquisa em que atuo, o refletir sobre a violência, as práticas policiais e a relação dos policiais com a sociedade, torna-se imprescindível levar em consideração as discussões propostas pelo movimento negro educador e pela professora Nilma. Essas deixam mais nítidas as questões referentes a esse tema para que possamos compreender de forma mais profunda a sociedade brasileira.

RR: Como o movimento negro educador se conecta com a pesquisa atual de cada um de nós?

MASAO: Acredito que, para responder a essa pergunta, seja necessário retomar um ponto que abordei anteriormente. Dei destaque aos desdobramentos das ações afirmativas no campo do turismo, especialmente com a entrada de um quantitativo massivo de alunos pretos nesse curso, referindo-me especificamente às ações afirmativas nas universidades públicas.

Pessoas negras demonstravam interesse pelo curso; contudo, como mencionado anteriormente, enfrentavam limitações e dificuldades significativas. Um exemplo evidente refere-se às barreiras impostas pelo mercado de trabalho, marcado por expectativas relacionadas a padrões corporais e estéticos específicos, conforme apontado por Rodrigo. Assim, quando esses estudantes ingressam na universidade pública, ocorre uma transformação profunda, como já destacado. É nesse ponto que o movimento negro educador se articula com o meu campo de pesquisa, sobretudo por promover uma revisão substancial do próprio entendimento de turismo. Uma das principais conexões entre o debate proposto pelo movimento negro educador e o turismo reside na capacidade deste último de ampliar a visibilidade de questões historicamente marginalizadas.

Sempre estive muito interessada em compreender as motivações que levam as pessoas a se deslocarem para determinados destinos turísticos. Para além dessas motivações, busco entender também de que forma os grupos que são visitados são atravessados por essa atividade, já que tal mudança promove transformações significativas. Há uma expressão, mencionada inclusive por Rodrigo em uma palestra na UNIRIO que afirma que o turismo transforma espaços ordinários em extraordinários.

Minha pesquisa atual é direcionada às comunidades tradicionais, o que dialoga com a própria questão ambiental, já que muitas das populações tradicionais estão em unidades de conservação e em áreas protegidas, e nesse

sentido, aqueles territórios são também um motivo de visitação. Dessa forma, une-se tanto o território no que se refere à natureza, quanto a cultura desses grupos.

Minhas pesquisas sempre foram direcionadas para a cidade e o estado do Rio de Janeiro, com foco em suas diversas unidades de conservação. Embora, atualmente, eu venha me dedicando especialmente ao Parque Estadual da Pedra Branca, minha trajetória de pesquisa também tem me conduzido a outras áreas de proteção ambiental e unidades de conservação.

No caso do Rio de Janeiro, os dois grupos de populações tradicionais mais recorrentes no estado são os quilombolas e os pescadores artesanais. Tenho direcionado meus esforços especialmente para o estudo das comunidades quilombolas, em particular aquelas que já obtiveram, ou que estão em processo de reconhecimento junto à Fundação Palmares.

Então, atualmente a minha pesquisa é essa: olhar para esses grupos que estão sendo atravessados: como isso está se dando? Como eles estão sendo “impactados”? Nesse sentido, um exemplo que posso apresentar para ilustrar esse debate é que, ao observar essas comunidades e populações, percebe-se uma conexão com diversas políticas públicas voltadas ao turismo, como é o caso do afroturismo. Contudo, ao analisar mais detidamente essas comunidades, identificam-se outros aspectos relevantes, como por exemplo, suas demandas.

Recebemos, no Programa de Pós-Graduação em Ecoturismo e Conservação, uma demanda da Federação N’Golo — Federação de Quilombolas de Minas Gerais — convidando-nos a colaborar na organização das atividades turísticas em seu território. As reflexões de Nilma, mais uma vez, orientaram nosso processo, pois, ao construirmos esse debate em parceria com a Federação, consideramos desde o início que nossa proposta não deveria se limitar a uma perspectiva estritamente economicista do turismo.

Percebemos, nesse contexto, o potencial que essa atividade possui para dar visibilidade a questões importantes: ao visitar aquele território, os visitantes devem ser convidados a ouvir uma explicação abrangente, uma narrativa educativa e pedagógica voltada para o antirracismo.

RR: Atualmente pesquiso as trajetórias educacionais com foco no debate sobre a produção de desigualdades em contextos escolares, em especial com crianças rotuladas e estigmatizadas. No campo educacional, quando olhamos para qualquer indicador, a população negra ainda se encontra em desvantagem em comparação com a população branca. Há maiores taxas de abandono escolar, maiores taxas de reprovação, menores índices de aprendizado de disciplinas escolares, menores taxas de frequência, menores taxas de participação no ENEM. Assim, olhar para os processos educacionais de forma comparativa entre brancos e não-brancos nos permite analisar o tamanho das desigualdades raciais no Brasil, especialmente considerando a disponibilidade de dados dos sistemas educacionais como um todo: federal, municipal e estadual.

Desse modo, por mais que tenha havido iniciativas do movimento negro educador nas mais diversas frentes para combater as desigualdades raciais nos processos educacionais, os indicadores ainda são expressivos. Todas essas questões têm relação direta com o racismo brasileiro e com as suas interseções com classe, gênero e sexualidade: os meninos negros são aqueles que são mais reprovados, por exemplo.

Tendo isso em vista, ser menino e ser negro aumenta a probabilidade de estudante passar na escola por reprovações, às vezes, sucessivamente. Essas reprovações são uma medida importante de desigualdade pois são atravessadas por questões raciais, educacionais, de classe e, por vezes, questões de gênero e sexualidade também. Então, olhar para essa perspectiva nos abre um amplo campo de pesquisas.

Ainda há muito o que pesquisar sobre as desigualdades raciais no Brasil. No caso específico dos meus projetos, as principais formas de rotulação e estigmatização que venho encontrando acometem crianças negras, por vezes também pautadas por preconceitos relacionados às religiões afro-brasileiras, que tem presença majoritária da população negra. Esses fatores se articulam e produzem diferentes formas de desigualdade.

A pesquisa em educação apresenta um aspecto interessante, pois é construída a partir da articulação e da retroalimentação entre a investigação e a ação prática. Nesse sentido, o diálogo com as diversas categorias do movimento negro educador revela-se especialmente profícuo. A escola, como uma das principais instituições da República, é pensada para ser pautada pela lógica da equalização. Ela tem que ser uma instituição para todas as crianças.

A pesquisa educacional indica os desafios inerentes a essa expectativa e, o movimento negro educador, além de compor toda a intelectualidade que realiza tais pesquisas, contribui diretamente para o enfrentamento às desigualdades apontadas pelas investigações científicas no campo educacional. Então, a principal articulação que eu vejo se dá exatamente nessa interface entre investigação acadêmica, prática pedagógica e construção de enfrentamento ao racismo, que, infelizmente, ainda está muito presentes em todas as nossas instituições. A escola, enquanto instituição, não está isolada de todos esses processos que envolvem racismos dos mais diversos na sociedade brasileira. É dessa maneira que eu conecto as minhas pesquisas atuais com o movimento negro educador.

JHO: Penso que a minha pesquisa atual ainda é parte daquela que citei anteriormente, porque ainda tenho interesse e pesquiso, basicamente, as práticas policiais.

Eu diria que o movimento negro educador se conecta tanto à minha pesquisa quanto à minha atividade enquanto educador. Isso porque oriento alguns trabalhos na universidade Estadual do Piauí, sobretudo aqueles que

buscam pensar a questão da inserção de jovens e adolescentes no tráfico de drogas; racismo estrutural na escola; e pesquisas sobre o sistema prisional tanto masculino quanto feminino na cidade onde resido.

Dessa forma, durante minha prática enquanto educador, através da disciplina que citei anteriormente, discutimos como nossa sociedade é estruturada a partir de uma relação racista em muitos sentidos. Assim, os alunos se apropriam das discussões do movimento negro, sobretudo do movimento negro educador, para ampliar suas percepções do campo que eles resolvem trabalhar.

Gostaria de mencionar brevemente o trabalho de uma ex-orientanda, que considero ilustrativo para a discussão que estamos realizando. Essa aluna é negra e veio de uma situação econômica muito desfavorável. Adentrou no curso de Ciências Sociais em 2017 e decidiu estudar *influencers* negros no Brasil. Ela queria entender até que ponto era mais difícil, por conta do racismo, ser *Influencer* e que tipo de produto eles conseguiam preparar: como que eram as narrativas e a que público eles direcionaram o seu trabalho, por exemplo. Esse trabalho foi muito interessante porque, de um modo geral, a orientanda conseguiu fazer descobertas sobre um universo que para mim, até então, era desconhecido: o universo dentro dessa nova profissão. Essa minha ex-orientanda trouxe a discussão da Cathy O'Donnell e buscou relacioná-la como os algoritmos. De alguma forma, os algoritmos exibem muito mais os conteúdos dos *influencers* brancos do que dos *influencers* negros. Isso faz com que o número de visualizações varie, a depender da cor de sua pele. Nesse sentido, a trajetória dessa estudante é interessante pela discussão do racismo no Brasil, mas também, por outro lado, porque ela decidiu trilhar um caminho incomum, prestando concurso para ser policial militar.

A professora Nilma afirma que o movimento negro são vozes e corpos negros e anônimos que atuam e atuaram na superação do racismo e na afirmação da identidade, dos valores do trabalho e da atuação de muita gente.

Deste modo, acredito que adentrar no curso de Licenciatura em Ciências Sociais na Universidade Estadual do Piauí ampliou o campo de possibilidades da minha ex-orientanda que, a meu ver, é fruto das diferentes lutas travadas pelo movimento negro no Brasil.

A ex-orientanda mencionada passou a desvendar os temas de seu interesse para pesquisa, ao mesmo tempo em que adentrou um universo pouco comum para jovens negros: o da polícia. Atualmente, atua como policial militar e, dessa forma, alcança, quando se pensa no movimento negro educador, inúmeras dimensões da vida das pessoas.

O fato desses estudantes hoje terem a oportunidade de trabalhar com um professor que tem interesse por questões raciais, por tentar entender a realidade da sociedade brasileira, e por tentar entender ou desvendar a questão do racismo estrutural também contribui para que esses alunos possam, de alguma forma, trazer novos olhares sobre a sociedade brasileira e sobre as relações raciais no Brasil. De um modo geral isso é fruto desse movimento negro educador e da minha atividade enquanto pesquisador e docente na área da educação.

RR: Como o movimento negro educador se liga aos contextos contemporâneos?

RR: eu falarei em específico sobre a minha área de atuação que é a Educação. A contribuição do movimento negro educador consolida-se em todos os momentos da educação formal. Eu queria defender essa perspectiva, indicando que da pré-escola, à universidade e à pós-graduação, o movimento negro educador tem contribuições a oferecer para o debate educacional e para a ação pedagógica. São lutas com especificidades. Então, ao considerarmos a luta antirracista no contexto da educação infantil, identificamos um delineamento específico dessa luta.Da mesma forma, ao considerarmos a luta antirracista pautada pelo movimento negro educador na pós-graduação,

identificamos um desenho de luta distinto, assim como estratégias investigativas diferenciadas para cada um desses contextos.

Gostaria de salientar alguns pontos que considero importantes de serem discutidos no âmbito do movimento para todos os momentos da educação formal que citei. Primeiro, tratamento equânime na pré-escola, na educação infantil, no ensino fundamental, no ensino médio, na graduação e na pós-graduação. Todas as pesquisas feitas sobre qualquer etapa de formação, dentre as mencionadas, demonstram que não há tratamento equânime entre crianças negras e crianças brancas no âmbito da educação formal. Dessa forma, são desafios que estão colocados sob o ponto de vista da sensibilização, sob o ponto de vista do mapeamento das formas de racismo, sob ponto de vista das possibilidades pedagógicas de enfrentamento ao racismo, sob ponto de vista das possibilidades pedagógicas de enfrentamento ao racismo, sob o ponto de vista da formação de professores para uma educação antirracista e, mais diretamente relacionado à minha pesquisa atual, o enfrentamento dos processos de rotulação e estigmatização, estruturados pelo racismo. Além disso, a luta política pela manutenção das políticas de cotas na graduação e na pós-graduação.

O campo educacional é um campo muito importante, porque é o campo formativo, onde há pessoas de várias idades, em vários momentos de sua formação. E um diálogo direto promovido pelo movimento negro educador incentivado e induzindo novas políticas voltadas para uma educação antirracista tem um lugar importante nesse aspecto e, consequentemente, em todos os contextos contemporâneos.

JHO: Em relação a essa pergunta, eu diria que, como educador, acredito profundamente na educação. Então, acho que o movimento faz e deve continuar fazendo e transformando a visão de mundo dos estudantes, tornando-os mais críticos, fazendo com que eles compreendam as relações raciais no Brasil, ampliando a visão de mundo e as possibilidades.

Como disse antes, a disciplina que leciono aborda também a contribuição da antropologia e da sociologia na compreensão da sociedade brasileira. Eu sempre provoco muito os alunos no sentido de tentar dizer e mostrar o quanto que muitas das práticas que eles têm são racistas, apesar de serem, às vezes, disfarçadas de uma brincadeira ou de não trazerem um cunho pesado. Isso traz uma espécie de choque para eles.

O que eu tenho percebido ao longo desses anos todos ministrando a disciplina, é que os alunos muitas vezes chegam sem uma formação e compreensão mais profunda sobre a questão racial no Brasil. Tenho certeza que muitas dessas questões são trabalhadas no Ensino Médio, porque também trabalhei na minha cidade com muitos professores de ensino médio, onde essas questões sempre apareciam. Mesmo assim, muitas das vezes, acredito que os alunos chegam sem a dimensão de uma compreensão mais profunda das engrenagens do racismo. Assim, considero que a universidade, de modo geral, tem como obrigação despertar e tocar nesse assunto. Isso é obviamente uma questão que se tornou mais presente e mais profunda no Brasil, a partir dessa discussão que o movimento negro educador vem fazendo há muitos anos.

Acho que de um modo geral, precisamos provocar os alunos, mas nunca é tão simples, o que me lembra de uma orientação que fiz de uma aluna da Pedagogia. Ela tentou entender os livros infantis que são utilizados pelos professores na educação infantil, especificamente as obras do Monteiro Lobato. Esse trabalho foi muito interessante, porque a partir dele, ela travou uma discussão de o quanto a obra do Monteiro Lobato traz elementos de discriminação racial muito pesados. Me espantou muito que esse tipo de obra ainda seja utilizada na educação infantil no Brasil. Esse é um autor que traz, por exemplo, a história do Sítio do Picapau Amarelo, onde a Tia Nastácia sempre é tratada de maneira extremamente preconceituosa, para dizer o mínimo.

Assim, eu diria que imaginar que certas situações foram superadas é uma espécie de ingenuidade. Muito há de ser feito ainda no Brasil para de fato conseguirmos chegar nesse processo de emancipação e superação dessa desigualdade que existe. Talvez o ponto principal para mim seja a questão educacional. Então é preciso trabalhar nas três dimensões: tanto na educação infantil, quanto na educação mais avançada e na educação superior. É somente trabalhando através da educação que conseguiremos uma sociedade de fato mais justa.

MASAO: Tanto o Rodrigo quanto o Jonas falaram sobre educação. O Rodrigo pela própria inserção no campo da educação e Jonas, não necessariamente por estar inserido em termos das pesquisas direcionadas.

De certa forma, vou concordar com vocês, mas trazendo novamente para o turismo. Ao longo da nossa conversa eu tentei chamar a atenção para o que eu tenho defendido a partir das minhas pesquisas, demonstrando que o turismo tem o papel de dar visibilidade, já que quando estamos no momento exercitando o papel de turistas, ouvimos milhares de informações sobre o destino, sobre a cultura e sobre os grupos. Assim, ele tem essa condição de dar visibilidade a determinadas vozes. Mas, para além disso, ele também traz algo muito relevante para a relação com o movimento negro educador quando se apresenta como um turismo pedagógico. Então, diferentemente do que os colegas defenderam em termos de uma educação formal, eu vou, talvez, para uma educação não-formal.

O turismo consegue iluminar determinadas narrativas e discursos contra hegemônicos. É assim que percebo a possibilidade de pensar esses contextos contemporâneos aliados à uma luta antirracista. Justamente porque, ao realizar determinadas viagens turísticas, onde aquele que está guiando a atividade é muitas vezes um morador das comunidades tradicionais que eu tenho estudado, é ele que está me contando a sua memória. É ele que está ali contando a sua narrativa, a sua história.

A mesma lógica aplica-se às favelas do Rio de Janeiro quando o morador não ocupa a posição de protagonista na condução dos grupos. Excluído do processo, ele é marginalizado não apenas por pertencer a esse território, mas também, na maioria das vezes, por ser uma pessoa negra. Quando o próprio morador assume o papel de narrador de sua realidade, transmitindo conhecimentos sobre a cultura e o território da favela, o turismo passa a adquirir um caráter pedagógico, pois contribui para ampliar sua visibilidade e reconhecimento.

Para concluir minha exposição, destaco um aspecto contemporâneo relevante no âmbito das políticas de turismo: o afroturismo. Enquanto política pública, o afroturismo tem sido considerado uma aposta estratégica, pois pressupõe o protagonismo de pessoas negras na condução das atividades turísticas, na gestão dos processos e na valorização de territórios marcados por memórias sensíveis, como o Cais do Valongo, no Rio de Janeiro. Trata-se de uma política já implementada, reconhecida não apenas pelo Ministério do Turismo, mas também pela Empresa Brasileira de Turismo (EMBRATUR), que a identifica como principal eixo orientador das ações turísticas no momento.

É dessa maneira que eu percebo todo esse arcabouço que a Nilma Lino Gomes trouxe, destacando uma reflexão sobre o que ela chama de movimento negro educador e o contexto contemporâneo.

RR: Com quais linguagens esse movimento negro educador conversa ou poderia conversar com a sociedade?

RR: Eu sou antropólogo de formação e eu penso a linguagem como um dos principais elementos da cultura. Nesse sentido, a linguagem pode ser pensada como um processo de comunicação nas suas mais diversas formas: oral, escrita, digital, interacional, corporal, dentre muitas outras. O universo dos símbolos e dos significados é repleto de possibilidades, e o movimento negro educador usa todas elas numa infinidade de configurações. É importante chamar atenção para isso. A Nilma Lino Gomes deixa isso muito claro em seu

livro e nos artigos posteriores a ele: há uma infinidade de configurações presentes nas linguagens que atravessam os debates e os embates políticos no âmbito do movimento negro educador.

Assim, no contexto de uma pedagogia em sentido estrito, o movimento negro educador tem participado diretamente das lutas simbólicas para definição e redefinição de uma série de processos educacionais curriculares, com vistas a ampliar a compreensão do mundo da escola - dos professores, dos estudantes, das famílias, dos gestores - com relação ao racismo nas suas mais diversas vertentes.

Logo, há muitos avanços como mudanças curriculares, mudanças em materiais didáticos dos mais diversos, pedagogias antirracistas, que tem acontecido cada vez com mais força.O desafio está posto para todos aqueles que fazem parte, dialogam com e desejam contribuir com o movimento negro educador em todas as suas vertentes

JHO: pensando na pergunta que você faz, com que linguagem desse movimento conversa ou poderia conversar com a sociedade, fiquei pensando que esse movimento já conseguiu ampliar muito o debate com a sociedade. Porque, de certa forma, muitas questões que temos hoje no Brasil se relacionam com o trabalho que foi travado ao longo das décadas nessa sociedade. Contudo, penso que talvez na atualidade, seja importante ampliar essa conversa no âmbito da internet, sobretudo com os mais jovens.

Às vezes recebo estudantes da universidade que tem pouca consciência de toda a história e legado que o movimento negro deixou. Por isso, acho que é importante expandir, e, de fato, a internet é um meio de comunicação que os estudantes acessam com frequência.

Por outro lado, penso que é necessário reforçar e ampliar a discussão com a própria universidade, que ainda que atualmente seja mais aberta do que no passado para essas questões, sobretudo as das humanidades, ainda

carrega um certo conservadorismo. É necessário potencializar essa conversa porque ela precisa, na minha opinião, ser permanente.

De um modo geral, eu visualizo que utilizar a internet e estender essa discussão na universidade, talvez sejam pontos que precisam ser trabalhados ainda, sobretudo para atingirmos essa diversidade e pluralidade entre brancos e negros nesse país.

MASAO: Estamos em uma mesa de antropólogos, então concordo com o que o Rodrigo trouxe sobre a linguagem. Entendo da mesma forma a questão de como as linguagens e com que linguagens esse movimento conversa ou poderia conversar.

Também concordo com Jonas quando ele traz a questão da Internet. De fato, esse é um dos mais acessíveis caminhos no atual momento em que a própria cultura brasileira tem se organizado muito a partir da própria internet.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O artigo revelou o potencial heurístico e formativo das discussões trazidas por Nilma Lino Gomes na sua obra sobre o movimento negro educador (2017). As perspectivas apresentadas apontam convergências entre as três áreas do conhecimento – ciências sociais, educação e turismo – salientando as possibilidades e os desafios trazidos por este debate para o campo analítico e o da formação. Há uma dinâmica permanente entre o mapeamento das desigualdades étnico-raciais e o seu enfrentamento. Conforme Gomes (2017) revela, o racismo tem múltiplas facetas, além capacidade de metamorfose que faz com que ele ganhe novas tonalidades diariamente. Seu enfrentamento, portanto, exige vigilância constante e o desenvolvimento de estratégias pedagógicas.

As instituições formativas, como a escola e a Universidade, têm papel central no enfrentamento do racismo, assim como os movimentos sociais organizados, os coletivos e a arena pública em termos mais gerais. Entende-se que a sociedade brasileira demanda uma mudança no plano das mentalidades, relacionada à convivência entre as pessoas e à construção progressiva de uma nova lógica de crítica e combate permanente ao racismo nas suas mais diversas formas. Os processos educacionais – formais e no plano das sociabilidades – têm papel central na sensibilização para a construção de novas formas de ver e viver no mundo.

Não é possível, no entanto, imaginar que as instituições estão prontas para o trabalho de construção desta nova mentalidade. Ao contrário, elas são parte constitutiva da discussão. Conforme apontamos, há mudanças significativas, em especial na Universidade, mas elas se revelam sempre como obras inacabadas graças também à plasticidade do racismo e de todas as outras formas de discriminação. O trabalho é permanente, inclusive na discussão com as novas gerações de jovens negras e negros que chegaram à Universidade como resultado de um conjunto de lutas que as antecederam e podem contribuir com a construção de um futuro cada vez mais antirracista.

REFERÊNCIAS

GOMES, Nilma Lino. *O movimento negro educador*. Saberes construídos na luta por emancipação. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2017.

O'NEIL, Cathy. *Algoritmos de destruição em massa*: como o big data aumenta a desigualdade e ameaça a democracia. Santo André, São Paulo: Rua do Sabão, 2020. ISBN 978-65-86460-02-5.

ROSISTOLATO, Rodrigo Pereira da Rocha; HELAYEL-NETO, José Helaÿel; FREIRE, Alexandre; FREIRE, Adriana; FRANÇA, Daiane; FRANÇA, Sérgio. Juventudes populares e projetos educacionais: construção e fortalecimento de redes de solidariedade, afeto e sociabilidade. *Cadernos de Pesquisa*, v. 20, p. 6-16, 2013. Disponível em:

<https://periodicoseletronicos.ufma.br/index.php/cadernosdepesquisa/article/view/2258.> Acesso em: 26 jul. 2025.

ROSISTOLATO, Rodrigo Pereira da Rocha; HELAYEL-NETO, José Helaÿel; XAVIER, Marcel Duarte da Silva. Juventudes populares em um pré-vestibular: a construção coletiva de expectativas e campos de possibilidades educacionais. *Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos*, v. 92, p. 616-638, 2011. Disponível em:http://educa.fcc.org.br/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S2176-66812011000300010&lng=en&nrm=iso&tlng=pt. Acesso em: 26 jul. 2025.

Recebido em: 24/02/2026

Aprovado em: 06/08/2026